

Mariana: Artimanha da paixão

Foi justamente quando vi Mariana mais deslumbrante do que nunca que resolvi eliminá-la. Ela estava num provocante vestido vermelho, justo, com as costas nuas e quase metade dos seios à mostra. Havia quase três anos que estávamos juntos. Me lembro quando apresentei-a ao Durval, filho mais novo de meu primeiro casamento. Ele já contava 28 anos, exatamente a idade dela. Mariana estendeu seu braço direito, apertou a mão dele e disse simplesmente: “Muito prazer !”. Acredito mais nas coisas simples do que nas complexas. Uma arma de fogo, por exemplo, constitui-se basicamente de um projétil, uma mira e um detonador. Já uma arma branca, mais simples ainda, constitui-se de uma lâmina com uma empunhadura. É na simplicidade que os acontecimentos se originam. A teoria do caos fala de um “bater de asas de borboleta que provoca um terremoto”. Acredito nisso, como acredito na sucessão dos eventos: morte, vida, morte, vida. Não necessariamente nessa ordem. Uma paixão, como um outro exemplo, nasce, se desenvolve e depois, sem que nos demos conta, vai se esvaindo até que encontra seu fim. Muito provavelmente isso aconteceu com Mariana. Não em relação a outras coisas, talvez, mas em relação a mim. Por outro lado, minha paixão encontra-se, ainda, no ápice. Sei que vivemos em constante busca de sentido para os acontecimentos de nossa história. Para isso, é claro, é necessária a memória. Um casamento é reconhecimento de identidades, mas, como cerimônia, é uma festa de mulheres. Não à toa chama-se “matrimônio”, de “mater”, celebração da mulher. Ao homem resta, provavelmente o “patrimônio”, se tanto. Mais provável a parcimônia. Quando retornei de Madrid, isso ficou claro para mim. Mariana não corria mais e pulava em cima de mim, em abraços e beijos fervorosos, sem pudores, como antes. Um simples encostar de lábios e senti como que uma adaga penetrando o meu coração. Não houve aquela curiosidade de saber a respeito dos lugares que eu havia conhecido, nem aqueles olhares de lado, com os olhos negros de “ciuminhos” quando perguntava quantas mulheres eu havia contatado. Nada. Apenas uma conversa amena, sem sal, sem sabor, com palavras de saudades que não transpiravam pelos poros de Mariana, coisa que acontecia até então. Ela havia se envolvido com os preparativos, procurando ajudar Fátima, noiva de Durval, nas escolhas de enxoval, convites e tantas outras tarefas. Até na decoração da nova casa o bom gosto de Mariana favorecera. Teria aquilo tudo afetado sua maneira de agir comigo ? Com essa pergunta fui para o escritório na manhã seguinte, após uma noite insossa, pela primeira vez, com Mariana. Aquela situação martelava minha cabeça a manhã toda. Resolvi convidar Clóvis, amigo de longos anos, para almoçarmos juntos. Não precisou de muito tempo para ele perceber meu estado de espírito. Pensei em dissimular, mas a camaradagem de uma de minhas poucas amizades verdadeiras me fez confessar meu infortúnio. Sem mais, direto, Clóvis perguntou se eu desconfiava que Mariana estivesse tendo um caso. A essa insinuação fiquei, no primeiro momento, paralisado. A seguir rimos juntos, com Clóvis dizendo a mesma frase de sempre: “Todo mundo sabe que ela é louca por você...”. Ao final do almoço, falando um “de toda maneira”, Clóvis me entregou um cartão de visitas e despediu-se. Antes de pagar a conta fiquei olhando para o cartão várias vezes: “Elias e Clara - detetives particulares. Sigilo absoluto”. À tarde telefonei a Clóvis lhe perguntando sobre o cartão. Ele disse que Elias havia estudado com ele alguns anos antes na Faculdade de Direito e concluiu dizendo que “antes que as minhocas cresçam verifique se a terra está mesmo úmida”. Ele gostava desse tipo de expressão para definir situações. Deixei o cartão sobre a escrivaninha. Telefonei para Mariana, mas sua secretária disse que ela havia saído para uma reunião. Era corriqueiro, pelo seu trabalho, acontecer isso, mas estranhei que não me houvesse comunicado primeiro, como de costume.

Desliguei o telefone, mas fiquei segurando o aparelho enquanto olhava para o cartão. Resolvi discar o número que indicava. Atendeu-me uma mulher. Dizia que era Clara, associada de Elias, e que ele não estava no momento. Perguntou-me se queria marcar uma reunião. Gaguejando eu disse que sim e ela marcou para aquela mesma tarde. Não lembrei-me de fazer mais nada a não ser olhar para o relógio e o cartão até que a hora fixada chegasse. Rumei para o escritório de Elias e não precisei esperar nem um minuto para ser atendido. Disse-lhe que era amigo do Clóvis e ele ofereceu-me uma bebida. Uísque de primeira linha, com gelo, não costumo recusar. Após a urbanidade de primeiro contato, Elias fez a pergunta que eu temia responder. Tentei explicar-lhe vagamente, mas ele insistiu solicitando pormenores, como hábitos, trabalho, relacionamentos, possíveis horários de intervalos entre as atividades, coisas do gênero. O contrato com ele exigia pagamento de 75% à vista, sem condescendências e o restante com cheque pré-datado. Uma semana, foi o prazo que ele impôs para o próximo contato entre nós. Esses sete dias foram um inferno para mim. Alimentei-me mal, tomei antidistônicos para dormir e Mariana pareceu-me agradecida por não procurá-la na cama. Numa festa de casamento o destaque, normalmente, é a noiva. Todos esperam por sua entrada na igreja. E todos observam cada passo seu, cada movimento, seu vestido, seus sorrisos, suas lágrimas, tudo. Mas nessa festa, Mariana em seu vestido vermelho dividia as atenções. Eu não pude ser padrinho para não enciumar a mãe de Durval, então ficamos no primeiro banco da igreja, mas desde que entramos era inegável a atenção das pessoas para a mulher que me acompanhava. Após a cerimônia, na fila dos beijos e abraços, o contraste entre o branco da noiva e vermelho de Mariana era impactante. Quando íamos para o salão, Mariana insistiu para que parássemos numa floricultura. Lá ela comprou rosas, vermelhas é claro. Disse que era para a noiva. Comprou cravos também. Disse que era para o noivo. Assim chegamos por último ao salão e Mariana, com dois buquês, um em cada mão, adentrou chamando, novamente, toda a atenção para si. E eu olhava-a fascinado. Naquele momento decidi que seu enterro deveria ser encomendado. Uma semana depois, como combinado, Elias havia me trazido um relatório preliminar e fiquei sem ação quando me reuni com ele. Havia sim um “caso”. Encontrava-se sim com “o caso”, uma vez por dia. Às vezes iam para um motel e ficavam pelo menos três horas juntos. Elias tinha consigo algumas fitas com conversas telefônicas gravadas, filmagens, fotografias. Entregou-me apenas duas fotos. Uma com Mariana em seu carro, entrando num motel, com data e hora. E outra com ela saindo. Disse-me que me entregaria no dia seguinte, após o crédito do valor restante em sua conta, o restante do material. Eu retruquei dizendo-lhe que a prova que ele me apresentava era inconsistente e, além do mais, o dia seguinte era o casamento do meu filho mais novo. Elias disse-me que, por sua experiência, era melhor assim para ele. Não queria ficar sem receber e achou, pelo bem de suas finanças, não entregar todo o material restante, mas sugeriu que, se eu pensasse em “retirar aquele problema do caminho” ele poderia “dar um jeito”. Disse-lhe que diria no dia seguinte, quando eu recebesse o material restante. As manchetes dos jornais procuram trazer informações que atendam aos anseios do coletivo. Mas é bom lembrar que o coletivo é formado de vários indivíduos. Segurando o jornal de ontem em minhas mãos, inferi que poucos se dão conta de quanto me é importante aquela pequena notícia do noticiário policial. No enterro, ontem, houve uma comoção em família. Chorei mais do que poderia prever. É porque eu sei, porque sinto, o que é perder uma paixão. Cria-se um vazio, interna e externamente. É uma presença da ausência, constante, que cobra muito tempo, às vezes uma vida, para ser esquecida. Na memória ficam, recrudescentes, as marcas, os perfumes, as cores, os sons, as palavras. Minha juventude, acredito, foi muito parecida com a de Durval. O gosto pelo que é refinado, pelo que é saboroso, pelo que é justo. Posso entender o sofrimento das pessoas na medida em que elas amam.

Recebi de Elias o material prometido. Ouvi as gravações telefônicas em primeiro lugar. As palavras de carinho trocadas. A impossibilidade de prosseguirem em união após o casamento. As lágrimas corriam pela minha face sem que eu as enxugassem. A paixão é uma faísca que provoca incêndios em todas as dimensões das pessoas. Eu entendo isso. Depois, assisti às filmagens. Magnificamente colocada em botões das blusas de Mariana, a alta tecnologia trazia sons e cores de dois corpos arfantes na cama. Em posições diversas, com gozos fantásticos. As fotos, que havia deixado por último, à essa altura, seriam dispensáveis. Mesmo assim, com atenção, vi uma por uma das mais de cem fotografias. As cenas eram as mesmas, mas com maior definição. Fui para casa e troquei-me para o casamento. Primeiro havia pensado num terno preto. Desisti porque sabia que iria precisar dele no dia seguinte. Não seria de bom tom usar o mesmo terno para ocasiões tão distintas. Escolhi o azul-marinho. Mariana iria demorar ainda algum tempo para estar pronta. Liguei do meu closet para Elias e acertei o seu “dar um jeito”. Pagamento à vista, ele insistiu. Disse-lhe que dinheiro não seria problema. O preço era alto, porque o serviço era “especializado”. Aí ele indagou se eu tinha preferência pela arma. Nesse momento hesitei. Mas com convicção disse-lhe que a mulher que havia destruído os meus sonhos deveria ser eliminada. Nesta noite mesma. A seguir, hesitei novamente. Disse a Elias que ligaria mais tarde, durante a festa. Ele disse que não haveria problema, desde que eu lhe enviasse um cheque de “sinal”. Liguei para um serviço de “courier”. Quando o rapaz saiu com o cheque Mariana descia as escadas dizendo que já estava pronta. Um dos pontos culminantes numa festa de casamento é quando a noiva joga o buquê. E a concorrência é sempre grande. Quando Fátima, de costas, lançou o ramallete, Mariana escorregou e no seu tombo o buquê caiu em suas mãos. Todos riram e aplaudiram olhando para mim. Ninguém poderia desconfiar o que se passava em minha cabeça, interna e externamente. Fui até a toalete. Liguei para Elias e confirmei que queria o “serviço” para aquela noite mesma. Sarcasticamente, ele disse que não gostava de eliminar mulheres jovens, ademais bonitas, mas que eram “ossos do ofício”. Não gostei daquilo, mas desgostava muito mais da minha situação. Hoje, com o jornal de ontem aberto na página policial, enquanto Durval soluça chorando no quarto de hóspedes e Mariana no nosso quarto, em minha biblioteca leio a manchete: “Casal é assaltado quando saía para lua-del-mel: noiva tem a garganta cortada”. Faço questão de ver qual a tiragem do jornal e verifico que na circulação nacional é a maior do país. Mais um gole de uísque, fecho o jornal e reflito que, verdadeiramente, toda comunicação tem algum ruído.

Antonio José Cavalcanti Coelho